

# “TODOS OS SEUS DENTES ERAM IDEIAS”: A REPRESENTAÇÃO DE GÊNERO NO CONTO “BERENICE”, DE EDGAR ALLAN POE

DRA. GREICY PINTO BELLIN  
Centro Universitário Campos de Andrade, UNIANDRADE  
Curitiba, Paraná, Brasil  
(greicybellin85@gmail.com)

RESUMO: O objetivo do presente artigo é analisar as representações de gênero no conto “Berenice”, de Edgar Allan Poe (1809-1849), dentro da perspectiva que considera o gênero enquanto relação, o que se observa na narrativa a partir da constatação de uma dependência emocional entre Egeu, o narrador, e sua prima Berenice, por quem ele se apaixona. Observa-se que a representação da figura feminina no conto em questão está atrelada a um imaginário social no qual a beleza feminina aparece associada à morte, à doença, à destruição e à decadência, conforme as análises de Elizabeth Bronfen (1992) e Sandra Gilbert e Susan Gubar (1979), características estas que também podem ser observadas na representação do personagem masculino, permitindo uma análise que aproxime os dois. A representação de gênero também será associada ao contexto literário em que Poe produziu sua obra, tendo em vista a importância de sua inserção na vertente do Romantismo gótico que empresta várias de suas características ao conto “Berenice”.

Palavras-chave: Gênero. Representação feminina. Romantismo. Gótico.

Artigo recebido em 27 ago. 2017.  
Aceito em 21 set. 2017.

BELLIN, Greicy Pinto. “Todos os seus dentes era, ideias”: a representação de gênero no conto “Berenice”, de Edgar Allan Poe. *Scripta Uniandrade*, v. 15, n. 2 (2017), p. 39-53.  
Curitiba, Paraná, Brasil  
Data de edição: 21 out. 2017.

## “ALL HER TEETH WERE IDEAS”: GENDER REPRESENTATION IN EDGAR ALLAN POE’S SHORT- STORY “BERENICE”

**ABSTRACT:** This article aims to analyze gender representations in the short-story “Berenice”, by Edgar Allan Poe (1809-1849), according to the perspective that considers gender as relation, which can be observed, in the narrative, in the emotional dependence sustained by Egeu, the narrator of the story, and his cousin Berenice, with whom he falls in love. It is possible to observe that the representation of the female figure in the narrative is linked to a social imaginary in which female beauty appears as associated with death, disease, destruction and decadence, according to the analysis of Elizabeth Bronfen (1992), and Sandra Gilbert and Susan Gubar (1979). These characteristics can also be observed in the representation of the male character, allowing us to make an analysis that approximates him and the female character. The gender representation will also be associated to the literary context where Poe produced his works, considering the importance of his insertion in Gothic Romanticism which lends many of its characteristics to “Berenice”.

**Keywords:** Gender. Female representation. Romanticism. Gothic.

Escritor lido e relido, visitado e revisitado inúmeras vezes em diversas abordagens, Edgar Allan Poe (1809-1849) se tornou mais conhecido, para usar o bom e velho clichê que o acompanha há anos e anos de fortuna crítica, como o autor de contos de terror, mistério e morte. Recentemente, análises de cunho sociológico têm surgido a fim de desconstruir o estereótipo de escritor alienado e reforçar a relação entre o autor e o contexto de sua época, marcado pela formação de uma identidade literária nacional, pelo desenvolvimento da imprensa e pelas ansiedades socioculturais que antecederam a Guerra da Secessão. Com uma dicção frequentemente associada ao Romantismo gótico, Poe lançou mão de representações de morte, doença e decadência associadas à figura feminina, que podem ser interpretadas dentro de uma perspectiva que

BELLIN, Greicy Pinto. “Todos os seus dentes era, ideias”: a representação de gênero no conto “Berenice”, de Edgar Allan Poe. *Scripta Uniandrade*, v. 15, n. 2 (2017), p. 39-53.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 21 out. 2017.

considere o gênero enquanto categoria de análise. O objetivo deste artigo é analisar como se dão tais representações no conto “Berenice” (1835), procurando estabelecer as relações com o contexto de produção da obra de Poe e com as teorias contemporâneas de gênero, entre elas a do gênero enquanto relação, que nos permitirão compreender as formas pelas quais tanto a figura feminina quanto a figura masculina são representadas na narrativa.

A adesão a aspectos literários do Romantismo inglês, fundamentais para se compreender a representação da figura feminina na obra de Poe, se estabelece a partir de seu contato com a obra de Samuel Taylor Coleridge, considerado o iniciador do movimento romântico na Inglaterra. Em oposição a William Wordsworth, cuja produção poética se encontra bastante atrelada à contemplação da natureza e à vida campesina, Coleridge cultuou o fantástico e o sobrenatural, conforme se observa no famoso poema “A balada do velho marinheiro”, em que a personificação da morte em vida é muito similar à que encontramos no conto “A máscara da morte rubra”, escrito por Poe em 1842. Floyd Stovall, em clássico estudo sobre as influências de Coleridge sobre a obra do escritor norte-americano, afirma o seguinte:

Coleridge’s *Biographia Literaria* was to him a treasure, for it not only contained a digest of an entire school of philosophy and criticism, but also made reference to a variety of sources to which he might not otherwise have been introduced. After a careful reading of this book he could discourse with some assurance on A. W. Schlegel’s theories of criticism, for instance, or on Schelling’s system of identity with but little firsthand acquaintance with the writings of these authors. (STOVALL, citado em THOMPSON, 2004, p. 789)

A filiação à vertente gótica do Romantismo é outro aspecto de grande relevância para a compreensão das representações de gênero construídas por Poe. Vale ressaltar, sobre este aspecto, que Ann Radcliffe era a escritora gótica inglesa de maior sucesso na época, o que corrobora uma associação, feita posteriormente pela crítica literária feminista, entre romance gótico e escrita feminina. Tal associação teria sido parodiada por Jane Austen em *A abadía de Northanger*, evidenciando o distanciamento crítico que começou a se estabelecer, já no século XIX, em relação à escrita gótica. Sandra Gilbert e Susan Gubar afirmam que tanto Poe quanto Hawthorne, seu contemporâneo, abominavam as escritoras mulheres, referindo-se a elas como “tolas damas escrevinhadeiras” (GILBERT & GUBAR, 1979). Para as autoras, esta postura teria sido determinada pelo machismo e pela misoginia, o que se afigura como questionável se pensarmos que Poe era escritor que dependia da escrita para sobreviver. Ainda que as configurações de gênero exercessem influência nesta questão, era, por outro lado, natural que Poe se incomodasse com a presença de

uma outra escritora que vendia mais livros do que ele, e que iria, com isso, influir em seus ganhos financeiros.

Como escrevia para jornais, e diante do enorme sucesso da ficção gótica, Poe não deixou de mencionar Ann Radcliffe em seus contos, mais especificamente em “O retrato oval”, em que a referência à escritora aparece já no primeiro parágrafo como forma de situar o leitor no espaço da narrativa:

O castelo cuja entrada meu criado se aventurara a forçar para não deixar que eu passasse a noite ao relento, gravemente ferido como estava, era um desses monumentos ao mesmo tempo grandiosos e sombrios que por tanto tempo se ergueram carrancudos entre os Apeninos, tanto na realidade como na imaginação da Sra. Radcliffe. (POE, 2006, p. 279-280)

“O retrato oval” é, aliás, um dos contos em que a figura feminina ocupa um lugar central, tornando clara a associação entre beleza, juventude, amor e morte. Na narrativa, um pintor obsessivo não tem descanso até finalizar o retrato de sua amada, que definha e morre posando para o retrato. A realização do artista masculino é, portanto, paralela à destruição material da figura feminina, sendo que a essência de sua beleza e juventude só pode ser mantida em uma obra de arte. A composição do retrato, portanto, tem por objetivo fixar um ideal artístico baseado em valores que só podem ser mantidos com a morte da amada, uma vez que continuar vivendo implicaria em velhice e decadência. Para analisar as configurações de gênero imbuídas nesta problemática, cumpre realizar um breve percurso pela teoria feminista contemporânea desde a sua vertente mais radical até a emergência do gênero enquanto categoria de análise literária, fundamental para a análise do conto “Berenice” .

A teoria literária feminista é marcada por vários impasses que refletem o seu objeto de análise, centrado, por sua vez, na posição da mulher nas dinâmicas culturais de poder que determinaram sua marginalização ao longo de séculos de criação, produção e recepção literária. Em um primeiro momento, houve um esforço considerável, por parte das estudiosas (a marcação de gênero do substantivo é mesmo exclusivamente feminina, pois são poucos os estudiosos homens que se dedicaram à questão), em definir e estabelecer a categoria *mulher*, que, ao mesmo tempo em que forneceu subsídios interessantes para uma análise até então pouco desenvolvida, tornou-se, com a emergência do pós-modernismo na teoria literária, um impasse e um problema teórico relacionado, em última instância, às conexões entre literatura e realidade. Na visão de Teresa de Lauretis (1994), a categoria *mulher* pressupõe a existência de uma “feminilidade metafísico-discursiva” e idealizada que, se não corresponde à mulher dita “real”, conduz a um essencialismo passível de desconstrução por não dar conta da multiplicidade que o termo “mulher”

englobaria. A categoria *mulher* encontra-se também no cerne das reivindicações de um modelo chamado pelas feministas de ginocrítica, que procura esmiuçar questões relacionadas à autoria e leitura feministas, e fornecer subsídios para a análise de uma *literatura de mulheres*, para usar a famosa expressão cunhada por Elaine Showalter, uma das principais representantes desta vertente. Ora, uma literatura de mulheres implicaria não apenas em uma revisão de todo o cânone, mas de todos os conceitos da teoria literária que, segundo as feministas, estão baseados em pressupostos e visões de mundo masculinas. São estas, aliás, as visões que impregnam as representações das figuras femininas nos textos literários, produzindo, na literatura do século XIX em especial, as imagens de prisão, emparedamento, encarceramento e agorafobia relacionadas às mulheres. Tais imagens estão presentes nos textos de Poe, dando-nos margem a interpretá-las como expressão de uma misoginia literária do autor, presente devido ao predomínio de escritores homens nos círculos literários da época. A perspectiva do gênero enquanto categoria de análise fornecerá subsídios que nos permitirão perceber não necessariamente uma visão negativa do escritor em relação às mulheres, mas uma relação entre o texto literário e um imaginário social que representava as mulheres como oprimidas, encarceradas e emparedadas, o que encontra respaldo nas análises da condição feminina do século XIX.

O gênero como categoria de análise emerge na teoria literária por volta dos anos 80, em um esforço de neutralizar acirrados debates no campo da teoria feminista e fornecer perspectivas de análise que não necessariamente vinculassem literatura, mulher e política. Para Joan Scott (1990), o uso do termo “gênero” implica em uma rejeição do determinismo biológico vinculado ao sexo, que objetiva abrir o campo para a análise dos fatores sociais que conformam as relações entre homens e mulheres. Isso fez, na visão de Nelly Richard (2002), com que certas estudiosas do feminismo, pelo menos as mais ortodoxas, acreditassem que o conceito de gênero estava descaracterizando, pelo menos em tese, os esforços políticos do feminismo ao confinar os debates a uma esfera menos combativa e menos focada na categoria mulher, central para a teoria feminista. A discussão a respeito das configurações da masculinidade é, por exemplo, uma conquista importante advinda das teorizações que percebem o gênero em uma perspectiva relacional, segundo a qual um gênero só pode ser definido em relação a outro. Daí a necessidade de se analisar conjuntamente as representações das personagens feminina e masculina, o que farei no presente artigo almejando compreender não apenas a interação pura e simples entre os personagens, mas a interpenetração das representações de morte, doença e decadência que estes trazem para o universo da narrativa.

O conceito de gênero como relação é bastante recorrente na teoria feminista pós-moderna, fazendo-se presente nas análises de Jane Flax (1994), que buscam desconstruir o essencialismo inerente à categoria mulher e conferir um maior dinamismo e amplitude às análises das representações de gênero. Este esforço se coaduna com aquele empreendido pela teoria pós-modernista como um todo, que busca desarticular e até mesmo, questionar noções e parâmetros hegemônicos a fim de buscar novas respostas a problemas já existentes, como é o caso da questão de gênero. No que diz respeito à obra de Poe, nos interessam sobremaneira as relações entre o personagem masculino e a personagem feminina, pois esta relação aparece associada às representações mórbidas construídas pelo narrador em primeira pessoa. Tais representações, conforme já mencionado, eram características da literatura do século XIX, tendo sido analisadas por Sandra Gilbert e Susan Gubar em *The Madwoman in the Attic*, clássico da teoria feminista cujo foco incide sobre a questão da autoria feminina e sobre as representações construídas por escritoras mulheres, entre elas a da louca no sótão, que se tornou um verdadeiro paradigma da opressão feminina na literatura inglesa. Outra obra importante sobre este aspecto é *Over her dead body: death, femininity and the aesthetic*, de Elizabeth Bronfen, em que a autora analisa as representações da mulher bela, jovem e morta como resultante de uma misoginia literária e das relações de poder estabelecidas sobre o cadáver feminino. Tais relações se verificam em “Berenice”, uma vez que a personagem principal da narrativa é enterrada viva e seu cadáver é vilipendiado, no que pode ser interpretado como expressão do poder masculino em relação ao corpo feminino. Para além desta ideia, percebe-se que a morte, a doença e a decadência associadas inicialmente à figura feminina podem ser observadas, ainda que de outra maneira, na representação da figura masculina, o que colocaria os personagens não em uma relação de igualdade, mas de continuidade, considerando a dependência nutrida por Egeu em relação à sua prima ao longo da narrativa.

Um aspecto importante para a leitura e interpretação de “Berenice” é a polêmica suscitada no *Southern Literary Messenger* a respeito do conteúdo da narrativa. Thomas White, o editor do periódico, teria pedido a Poe que retirasse alguns trechos da narrativa que teriam causado reações negativas por parte dos leitores. O próprio Poe, em carta ao seu editor, reconhece a existência de um estranhamento provocado pela narrativa: “The subject by far is too horrible, and I confess that I hesitated in sending it you especially as a specimen of my capabilities” (POE, citado em THOMPSON, 2004, p. 596-597). Ao mesmo tempo, Poe se justifica perante seu editor afirmando que talvez a avaliação dele estivesse equivocada, uma vez que os periódicos mais bem-sucedidos da época teriam publicado narrativas como “Berenice” e nem por isso haviam sido criticados ou considerados inferiores. Pode-se concluir, portanto, que o pedido



de White estaria relacionado não apenas a uma recepção negativa por parte de seus leitores, e sim a uma possível má vontade em relação à obra de Poe, causada, por sua vez, pelas rixas protagonizadas pelo escritor com seus contemporâneos. É também possível pensar que a reação desfavorável a “Berenice” tenha sido causada pela representação extremamente mórbida e lúgubre da personagem feminina, a qual Poe considerava um atrativo para os leitores devido, em grande parte, a um imaginário que associava o feminino à ideia de morte, conforme veremos a seguir.

O primeiro aspecto que chama a atenção na narrativa é a sua epígrafe, que está diretamente associada ao tema nela abordado: “Meus companheiros me asseguravam que visitando o túmulo de minha amiga conseguiria, em parte, alívio para as minhas tristezas” (POE, 2006, p. 191). A epígrafe é de autoria do poeta árabe Ebn Zaiat, o que levanta um interessante dado em relação à biblioteca de Poe, considerando seu extensivo contato com autores de diversas nacionalidades. A ideia de visita ao túmulo da amada reforça a atmosfera macabra da narrativa, além de fornecer uma prévia de seu desfecho e de colocar a personagem feminina no centro das angústias do personagem masculino, reforçando a já mencionada relação de dependência entre eles.

Partindo desta ideia, é relevante analisar o foco narrativo de “Berenice”, considerando-se que o narrador é o personagem masculino. Isso tem implicação direta na forma como a personagem feminina é apresentada, pois o que chega para o leitor é a visão pessoal e subjetiva de Egeu. Desde o primeiro parágrafo de “Berenice”, percebe-se que o protagonista possui certas características que influirão decisivamente na representação da personagem feminina, entre elas a erudição, a excentricidade e uma forte tendência ao pensamento obsessivo-compulsivo, a qual ele mesmo chamará, mais adiante na narrativa, de monomania. Tais características aparecem associadas a uma excentricidade que Egeu considera como pertencente à sua linhagem:

Meu nome de batismo é Egeu. O de minha família não revelarei. Contudo não há torres no país mais vetustas do que as salas cinzentas e melancólicas do solar de meus avós. Nossa estirpe tem sido chamada de raça de visionários. Em muitos pormenores notáveis, o caráter da mansão familiar, nas pinturas do salão principal, nas tapeçarias dos dormitórios, nas cinzeladuras de algumas colunas na sala de armas, porém, mais especialmente, na galeria de quadros antigos, no estilo da biblioteca e, por fim, na natureza muito peculiar dos livros que ela continha, há mais que suficiente prova a justificar aquela dominação. (POE, 2006, p. 191)

O pertencimento a uma linhagem tradicional, bem como a ideia de que a família de Egeu era uma “raça de visionários”, associa o personagem ao velho

mundo e mais especificamente, à Grécia Antiga, o que é reforçado pelo seu próprio nome. O nome de Berenice também reforça tal associação, tendo em vista que é o nome da esposa de Ptolomeu do Egito. Reza a lenda que Berenice prometeu cortar os seus cabelos caso o marido voltasse são e salvo de uma guerra, cabelos estes que foram oferecidos a Afrodite. Comovida com a oferta, a deusa criou a constelação de Berenice, que, segundo estudos de astronomia da época, possui as mais belas e misteriosas galáxias. Assim sendo, é possível que Poe tenha se inspirado no mito de Berenice a fim de construir a personagem feminina, deslocando a representação da esposa abnegada que corta os cabelos em prol da vida de seu marido para a representação macabra da moça alegre que adoece, é enterrada viva e tem seus dentes extirpados pelo próprio noivo. Ao passo que a figura mitológica de Berenice toma uma decisão por conta própria, a figura poeana é subjugada pelo personagem masculino, ele mesmo subjugado por um transtorno psiquiátrico, o que ficará claro no decorrer da narrativa.

Egeu admite ter se criado dentro de uma biblioteca, o quarto que presenciou seu nascimento e a morte de sua mãe. Esta associação é muito significativa no que diz respeito ao perfil do artista ascético, que abre mão dos prazeres do mundo e do sexo para se dedicar exclusivamente à sua arte. A morte da figura materna se torna, assim, simbólica, pois trata-se de uma figura castradora, que impediria o filho de caminhar rumo à erudição, aspecto fundamental da personalidade de Egeu. O apagamento da mãe determinará a atitude do protagonista em relação à sua prima, pois ela também morrerá em prol da realização de um ideal artístico. Egeu e Berenice se criaram juntos, mais um dado que confirma a associação do personagem com a sua infância, o que daria margem, pelo menos dentro do imaginário do Romantismo, à idealização da figura feminina. A descrição feita por Egeu fornece uma série de dados interessantes nesse sentido:

Berenice e eu éramos primos e crescemos juntos, no solar paterno. Mas crescemos diferentemente: eu, de má saúde e mergulhado na minha melancolia; ela, ágil, graciosa e exuberante de energia. Para ela, os passeios pelas encostas da colina. Para mim, os estudos do claustro. Eu, encerrado dentro do meu próprio coração e dedicado, de corpo e alma, à mais intensa e penosa meditação. Ela, divagando descuidosa pela vida, sem penar em sombras em seu caminho, ou no voo silente das horas de asas lutuosas (...) Ah, bem viva tenho agora a sua imagem diante de mim, como nos velhos dias de sua jovialidade e alegria! Oh, deslumbrante, porém fantástica beleza! Oh, sílfide entre os arbustos de Arnheim! Oh, náiaide à beira de suas fontes! (POE, 2006, p. 192)



Egeu evoca elementos da antiguidade clássica em sua descrição de Berenice, o que não apenas reforça sua erudição como também a associação da personagem feminina com o universo clássico. São grandes as diferenças entre ele e sua prima, o que a princípio invalidaria a ideia de uma relação entre as representações de gênero, pois o personagem masculino é inclinado à solidão e aos “estudos do claustro”, ao passo que a personagem feminina era “exuberante de energia” e vivia em constante contato com a natureza. Esta informação invalidaria a ideia de isolamento e encarceramento relacionadas ao feminino, sendo que o encarcerado é o homem. O próximo trecho da narrativa, todavia, desmente esta associação, pois Egeu declara que toda a juventude e beleza de Berenice será destruída por uma fatal doença:

Uma doença – uma fatal doença – soprou como um simum sobre seu corpo. E precisamente quando a contemplava, o espírito da metamorfose arrojou-se sobre ela, invadindo-lhe a mente, os hábitos e o caráter e, da maneira mais sutil e terrível, perturbando-lhe a própria personalidade! Ai! O destruidor veio e se foi, e a vítima... onde está ela? Não a conhecia... ou não mais a conhecia como Berenice! (POE, 2006, p. 192)

Como a narração é em primeira pessoa, pode-se suspeitar e que a doença de Berenice possa ser uma invenção da mente do próprio Egeu, o que corroboraria a tese, muito famosa na teoria feminista, segundo a qual a representação da figura feminina seria uma projeção “da luz moral do homem”, nos dizeres de Simone de Beauvoir em *O segundo sexo*. A doença do próprio Egeu começa a se agravar a partir do momento em que ele toma conhecimento da moléstia de sua prima, o que reforçaria a noção de gênero enquanto relação:

Entre a numerosa série de males acarretados por aquela fatal e primeira doença, que realizou tão horrível revolução no ser moral e físico de minha prima, pode-se mencionar, como o mais aflitivo e o mais obstinado, uma espécie de epilepsia, que não poucas vezes terminava em catalepsia, muito semelhante à morte efetiva da qual despertava ela, quase sempre, duma maneira assustadoramente subitânea. Entrementes, minha própria doença aumentava, pois me fora dito que para ela não havia remédio, e assumiu afinal um caráter de monomania, de forma nova e extraordinária, que, de hora em hora, de minuto em minuto, crescia em vigor e por fim veio a adquirir sobre mim a mais incompreensível ascendência. Esta monomania, se assim posso chamá-la, consistia numa irritabilidade mórbida daquelas faculdades do espírito que a ciência metafísica denomina “faculdades de atenção”. (POE, 2006, p. 192-193)

A relação entre Egeu e Berenice, portanto, se baseia tanto no contraste, presente quando ele aponta para as diferenças entre os dois, quanto à semelhança, estabelecida pela presença das doenças em ambos os personagens. Ele atribui aos livros presentes em sua biblioteca uma participação ativa em sua monomania, e é importante ressaltar que todos os livros citados são de autores clássicos, escritos em grego e latim e reforçadores de uma representação que associa a cultura à esfera do masculino. Com o desenrolar da narrativa, perceberemos que as leituras feitas por Egeu criam o terreno para sua obsessão pelos dentes de Berenice, que seriam, por sua vez, a realização de seu ideal artístico. De fato, a monomania faz com que ele preste cada vez mais atenção às deformidades físicas geradas pela doença de sua prima, dando margem à ideia de necrofilia corroborada no seguinte excerto:

Posso afirmar que nunca amara minha prima, durante os dias mais brilhantes de sua incomparável beleza. Na estranha anomalia de minha existência, os sentimentos *nunca me provinham do coração*, e minhas paixões *eram sempre do espírito*. Através do crepúsculo matutino, entre as sombras estriadas da floresta, ao meio-dia, no silêncio de minha biblioteca, à noite, esvoaçara ela diante de meus olhos e eu a contemplara, não como a viva e respirante Berenice, mas como a Berenice de um sonho; não como um ser da terra, um ser carnal, mas como a abstração de tal ser; não como uma coisa para admirar, mas para ser analisada, não como um objeto para amar, mas como o tema da mais abstrusa, embora inconstante, especulação. E *agora...* agora eu estremecia na sua presença e empalidecia ao vê-la aproximar-se; contudo, lamentando amargamente sua deplorável decadência, lembrei-me de que ela me havia amado muito tempo, e, num momento fatal, falei-lhe em casamento. (POE, 2006, p. 194)

Egeu chega ao absurdo de propor casamento à prima moribunda, ciente de que ela pode morrer a qualquer momento, o que confirmaria, pelo menos em tese, a tendência necrófila de sua personalidade. O fato de ter se apaixonado por sua prima quando ela adoece possibilita a circunscrição da narrativa à vertente gótica do romantismo, confirmando também o interesse pela representação mórbida da figura feminina, cujo corpo é percebido como *locus* de destruição e decadência. Em meio a toda a desfiguração causada pela moléstia, os dentes de Berenice são as únicas coisas que permanecem intactas. São eles que passarão a assombrar Egeu, cuja monomania o predispõe a obsessões de qualquer tipo:

A fronte era alta e muito pálida, e de uma placidez singular. O cabelo, outrora negro, de azeviche, caía-lhe parcialmente sobre a testa, e sombreava as fontes encovadas com numerosos anéis, agora dum amarelo vivo, em chocante

discordância, pelo seu caráter fantástico, com a melancolia que lhe dominava o rosto. Os olhos, sem vida e sem brilho, pareciam estar desprovidos de pupilas. Desviei involuntariamente a vista daquele olhar vítreo para olhar-lhe os lábios delgados e contraídos. Entreabriram-se e, num sorriso bem significativo, os *dentes* da Berenice transformada se foram lentamente mostrando. Prouvera a Deus que eu nunca os tivesse visto, ou que, tendo-os visto, tivesse morrido! (POE, 2006, p. 195)

Leituras psicanalíticas da obra de Poe, entre elas a de Marie Bonaparte, veem nos dentes de Berenice a representação da *vagina dentata*, que aparece nos mitos de várias culturas para alertar sobre o perigo do sexo com mulheres desconhecidas. No caso de Egeu, esta representação funcionaria para negar o ato sexual, tendo em vista sua vocação ascética e sua tendência a idealizar a prima. A partir deste momento da narrativa, a idealização começa a recair sobre os dentes, a única parte do corpo de Berenice que se manteve saudável, o que fica claro na descrição de sua aparência. À parte a leitura psicanalítica, que não será feita aqui por não levar em consideração as relações entre literatura e sociedade, o que nos interessa é a objetificação do corpo de Berenice a partir da obsessão de Egeu pelos dentes, que assumem uma dimensão simbólica no trecho a seguir:

Nos múltiplos objetos do mundo exterior, só pensava naqueles dentes. Queria-os com frenético desejo. Todos os assuntos e todos os interesses diversos foram absorvidos por aquela exclusiva contemplação. Eles... somente eles estavam presentes aos olhos de meu espírito, e eles, na sua única individualidade, se tornaram a essência de minha vida mental. Via-os sob todos os aspectos. Revolvia-os em todas as direções. Observava-lhes as características. Detinha-me em todas as suas peculiaridades. Meditava em sua conformação. Refletia na alteração de sua natureza. Estremecia ao atribuir-lhes, em imaginação, faculdades de sentimento e de sensação, e, mesmo quando desprovidos dos lábios, capacidade de expressão moral. Dizia-se (...) de Berenice que: *tout ses dents étaient des idées. Des idées!* (POE, 2006, p. 195-196)

A noção de que os dentes são ideias confirma a vocação ascética de Egeu, bem como a racionalização do sentimento amoroso e a objetificação do corpo de Berenice ou, pelo menos, de uma parte dele, que se torna a metonímia da figura feminina. É visível o desejo de posse em relação aos dentes, o que simboliza, ao fim e ao cabo, o desejo de posse da mulher, ainda que este não seja racionalmente compreendido como tal por Egeu devido à sua índole ascética. Chevalier e Gheerbrant, no *Dicionário de símbolos literários* (2008), afirmam que os dentes simbolizam a agressividade e a juventude, valores estes que Egeu não

possui e que deseja “roubar” de sua prima, daí o arrombamento do caixão e o vilipêndio de seu cadáver. Os dentes são objeto de uma ruminação que faz com que Egeu permaneça dias sentado dentro da biblioteca, até ser surpreendido por uma terrível mas, ao mesmo tempo, esperada notícia:

Afinal, explodiu em meio de meus sonhos um grito de horror e de consternação, ao qual se seguiu, depois de uma pausa, o som de vozes aflitas, entremeadas de surdos lamentos de tristeza e pesar. Levantei-me e, escancarando uma das portas da biblioteca, vi, de pé, na antecâmara, uma criada, toda em lágrimas, que me disse que Berenice havia... morrido! Sofrera um ataque epilético pela manhã e agora, ao cair da noite, a cova estava pronta para receber seu morador e todos os preparativos do enterro terminados. (POE, 2006, p. 196)

Torna-se claro o alheamento do protagonista em relação aos acontecimentos do mundo exterior, uma vez que ele só toma conhecimento da morte da prima dois dias depois de tê-la visto pela última vez na biblioteca. Seu desequilíbrio emocional é evidente, assim como o temor em relação ao cadáver da defunta, descrito na cena que foi omitida das edições de “Berenice” devido à reclamação dos leitores do *Southern Literary Messenger*. Talvez o grande estranhamento do público leitor tenha residido na representação sardônica do cadáver, o qual Egeu imagina estar sorrindo para mostrar os dentes, em uma possível projeção de sua própria mente obcecada por eles:

Deus do céu? Seria possível? Ter-se-ia meu cérebro transviado? Ou o dedo da defunta se mexera no sudário que a envolvia? Tremendo de inexprimível terror, ergui lentamente os olhos para ver o rosto do cadáver. Haviam-lhe amarrado o queixo com um lenço, o qual, não sei como, se desatara. Os lábios lívidos se torciam numa espécie de sorriso, e por entre sua moldura melancólica os dentes de Berenice, brancos, luzentes, terríveis me fixavam ainda, com uma realidade demasiado vívida. Afastei-me convulsivamente do leito e, sem pronunciar uma palavra, como um louco, corri para fora daquele quarto de mistério, de horror e de morte... (POE, 2006, p. 197)

Para Elizabeth Bronfen, a cena da morte na cama é marcada por configurações de gênero, considerando que “a cama onde a mulher morre é usualmente a mesma cama onde foi ou será deflorada” (BRONFEN, 1992, p. 91). Esta afirmação reforça o vínculo entre morte, figura feminina e sexualidade, apontando para o fato de que Berenice, ao que tudo indica, morreu virgem, o que corrobora a idealização de Egeu. O desequilíbrio do protagonista é tão intenso que ele apresenta um lapso de consciência entre esta cena e a próxima. A única lembrança vaga que possui é a de um “grito agudo e lancinante de uma voz de

mulher”, o que deixa o leitor na expectativa sobre o desenrolar do enredo. Após a chegada do criado e da leitura do trecho do poeta árabe que abre a narrativa, Egeu vai aos poucos reconstruindo os fatos e chega à terrível constatação acerca de um “túmulo violado... de um corpo desfigurado, desamortalhado, mas que ainda respirava, ainda palpitava, ainda *vivia!* (POE, 2006, p. 197-198).

O enterro prematuro é uma obsessão recorrente na obra poeana, sendo, para Robert Tally Jr. (2014), a representação simbólica e alegórica do cidadão norte-americano sufocado em suas possibilidades de vida, considerando sua inserção em um contexto ainda dependente, pelo menos culturalmente, dos padrões britânicos. De acordo com Elizabeth Bronfen e Mary Hawkesworth, tanto o enterro prematuro quanto o emparedamento, também frequente na obra de Poe, estão relacionados a questões de gênero e mimetizariam a opressão e o apagamento impostos às mulheres em uma sociedade patriarcal, que cultivava padrões de pureza e docilidade femininas. Nossa análise demonstrou que Berenice, por sua índole livre e despreocupada, talvez não se encaixasse nestes padrões, daí a necessidade de sufocá-la e de usurpar-lhe os dentes, a única coisa de belo e saudável que ela ainda possuía mesmo no auge de sua doença. A cena reproduzida a seguir descreve o momento no qual Egeu descobre o terrível ato que cometera:

Apontou para minhas roupas; estavam sujas de coágulos de sangue. Eu nada falava e ele pegou-me levemente na mão; gravavam-se nela os sinais de unhas humanas. Chamou-me a atenção para certo objeto encostado à parede: era uma pá. Com um grito, saltei para a mesa e agarrei a caixa que nela se achava. Mas não pude arrombá-la; e, no meu tremor, ela deslizou de minhas mãos e caiu com força, quebrando-se em pedaços. E dela, com um som titinante, rolaram vários instrumentos de cirurgia dentária, de mistura com trinta e duas coisas brancas, pequenas, como que de marfim, que se espalharam por todo o assoalho. (POE, 2006, p. 198)

A presença de instrumentos de cirurgia dentária nos mostra que a extração dos dentes de Berenice se deu em um processo sofisticado, planejado e calculista, o que contradiz totalmente o comportamento irracional de Egeu e nos conduz à ideia de que ele talvez esteja blefando ao afirmar que não se lembra de seu ato. Contudo, o desequilíbrio psíquico do personagem, constatado ao longo de toda a narrativa, nos permite acreditar que ele realmente estava fora de si quando arrancou os dentes de Berenice, ato este provavelmente reprimido devido à culpa causada por sua extrema vilania. A objetificação dos próprios dentes pode ser observada na constatação de que eles eram “trinta e duas coisas brancas, pequenas, como que de marfim, que se espalharam por todo o assoalho”, apontando para a objetificação da própria Berenice, já que os dentes são a metonímia de sua figura. A personagem feminina é, portanto, subjugada,

vilipendiada e objetificada em prol da realização artística de um homem desequilibrado que projeta suas próprias obsessões em sua figura, o que reforça não apenas a perspectiva relacional de gênero, mas também as configurações sociais que recaíam sobre o feminino.

Com base em tudo o que foi exposto, pode-se afirmar que as representações de gênero no conto “Berenice” estão realmente relacionadas entre si, tendo em vista que tanto a obsessão quanto a erudição de Egeu existem em função de Berenice e são projetadas em sua figura. A figura feminina é, a princípio, descrita como o oposto do personagem masculino devido à sua autonomia, liberdade e relação com a natureza, sendo mais tarde percebida como sua semelhante devido à presença da epilepsia, que nele aparece representada como monomania. Tanto Egeu quanto Berenice são, ainda que de maneiras diferentes, vitimizados em um contexto familiar doentio, opressor e associado à tradição, que mina suas juventudes em prol de crenças megalomaniacas que levam Egeu a vilipendiar o cadáver de sua prima, silenciada como sujeito pensante e atuante em uma sociedade patriarcal e até certo ponto, misógina. Esta interpretação foi viabilizada ao se considerar o gênero enquanto categoria de análise literária, a partir da qual geram-se reflexões instigantes a respeito das formas pelas quais a sociedade de uma época percebia tanto o masculino quanto o feminino.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. de. *O segundo sexo*. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BONAPARTE, M. *Life and works of Edgar Allan Poe: a psychoanalytic interpretation*. London: Imago, 1949.

BRONFEN, E. *Over Her Dead Body: death, femininity and the aesthetic*. Oxford: Oxford University Press, 1992.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos literários*. Trad. Raul de Sá Barbosa. São Paulo: José Olímpio Editora, 2008.

FLAX, J. Pós-modernismo e relações de gênero na teoria feminista. In: HOLLANDA, H. B. de (org.). *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992. p. 217-250.

GILBERT, S.; GUBAR, S. *The Madwoman in the Attic: The Woman Writer and the Nineteenth-Century Literary Imagination*. New Haven: Yale University Press, 1979.

BELLIN, Greicy Pinto. “Todos os seus dentes era, ideias”: a representação de gênero no conto “Berenice”, de Edgar Allan Poe. *Scripta Uniandrade*, v. 15, n. 2 (2017), p. 39-53.  
Curitiba, Paraná, Brasil  
Data de edição: 21 out. 2017.



HAWKESWORTH, M. A semiótica do enterro prematuro: o feminismo em uma era pós- feminista. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 14, n. 3, p. 737-763, 2006.

LAURETIS, T. de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, H. B. de (org.) *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-241.

POE, E. A. *Obra completa*. Trad. Oscar Mendes. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.

RICHARD, N. A escrita tem sexo? In: \_\_\_\_\_. *Intervenções críticas: arte, cultura, gênero e política*. Trad. Romulo Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002, p. 127-141.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v.16, n. 2, p. 5-22, 1990.

SHOWALTER, E. *A Literature of Their Own: British women novelists from Brontë to Lessing*. Princeton: Princeton University Press, 1999.

STOVALL, F. From Poe's debt to Coleridge. In: THOMPSON, G. R. *The Selected Writings of Edgar Allan Poe*. London: Norton and Company, 2004. p. 789-798.

TALLY JR., R. *Poe and the Subversion of American Literature: satire, fantasy, critique*. New York: Bloomsbury, 2014.

GREICY PINTO BELLIN possui bacharelado em Português e Inglês pela Universidade Federal do Paraná (2007), mestrado (2008), doutorado (2015) e pós-doutorado (2016) em Estudos Literários pela mesma instituição. Pesquisa a obra de Edgar Allan Poe na perspectiva dos estudos feministas e de gênero desde 2008, e em uma perspectiva comparatista desde 2011, o que resultou na tese de doutorado intitulada *Modernidade, identidade e metrópole cosmopolita em Poe, Baudelaire e Machado de Assis*, que atualmente se encontra no prelo e será publicada em formato de livro no ano de 2018 pela editora da Universidade de Oxford, Inglaterra. Publicou, em 2016, a coletânea intitulada *Miss Dollar: stories by Machado de Assis*, que consiste da tradução inédita de dez contos de Machado de Assis para o inglês. É professora titular do Mestrado em Teoria da Literária do Centro Universitário Campos de Andrade, UNIANDRADE, atuando nas linhas de pesquisa Literatura e Intermidialidade e Políticas da Subjetividade.

BELLIN, Greicy Pinto. “Todos os seus dentes era, ideias”: a representação de gênero no conto “Berenice”, de Edgar Allan Poe. *Scripta Uniandrade*, v. 15, n. 2 (2017), p. 39-53.  
Curitiba, Paraná, Brasil  
Data de edição: 21 out. 2017.